

Os escribas e sua significação para a transmissão escrita do pensamento *

The Scribe's and its meaning to the transmission of the written Thinking

URSULA EPHRAIM KATZENSTEIN**

Exame das Normas para os escribas que fazem a cópia do Pentateuco para preservação do texto sagrado, determinando cada detalhe do método de trabalho e definindo as qualificações profissionais do copista para evitar erros e incorreções, pois a santidade do ensinamento é equivalente à própria identidade étnica dos judeus. Essas normas se dividem em dois grupos: o primeiro define os critérios objetivos como os materiais a serem usados e as regras estéticas, o segundo contém critérios subjetivos como as qualificações do copista e as exigências do trabalho.

Desde o aparecimento da escrita até o começo da impressão com tipos móveis, no século XV e em parte até hoje, os textos foram transmitidos por meio de repetidas cópias. Nesta prática muitos erros foram introduzidos. Na Antigüidade, a arte de escrever era restrita a uma classe especial de iniciados, que recebia uma instrução longa e especializada e gozava de uma posição excepcional. Seu prestígio era próximo ao dos reis e como grupo profissional pertencia à mais alta classe. Os reis, iletrados eles mesmos, necessitavam

* Capítulo do livro "A Origem dos Livros" escrito em colaboração com Walter Cohn, com algumas modificações.

** Tradução de Maria Romano Scherelbar.

por demais dos escribas, fosse para os serviços administrativos e religiosos, fosse como intermediários nas transações comerciais com outros potentados.

Numa das primeiras civilizações em que se desenvolveu a arte de escrever (cerca de 3.000 anos a.C.), no Egito, os escribas eram às vezes altos funcionários do governo e seus ofícios eram procurados pelos ultrapotentes sacerdotes. Amanuenses de países vizinhos possuíam também elevado nível e na Mesopotâmia, por exemplo, cerca de 2.500 a.C., havia uma intensa atividade escriturária, exercida por copistas (19). A condição social dos escribas egípcios aparece claramente nas recomendações que um pai faz a seu filho prestes a matricular-se na "Escola dos Livros": "... não seja um soldado, um çamponês, um açougueiro, um barbeiro ou um padeiro, que labutam de sol a sol e cujas recompensas são as costas quebradas, as colheitas destruídas, as dívidas e o confisco de propriedades... somente os escribas têm um serviço suave com riscos mínimos para a saúde e o conforto. E por humilde que seja sua origem, seu trabalho os ergue acima de sua classe e pode levá-los às portas do poder..." (9).

Apesar dessas afirmações o trabalho dos copistas egípcios estava bem longe da perfeição: "as inscrições... gravadas nas pirâmides sofreram profundas modificações e os antigos escribas, perplexos, mal entendiam o texto que tinham à frente". **O Livro dos Mortos**, pertencente a tempos muito remotos, provavelmente à 1.^a Dinastia, faraônica, e que acompanhava o defunto no túmulo, se tornou mais tarde "uma coletânea fortuita de alguns capítulos vitais com passagens sem nexo... Os erros eram freqüentes, na realidade a maioria desses rolos eram provavelmente

feitos para a venda e copiados por escribas de segunda categoria e sem escrúpulos" (10).

Na China, desde o século VI a.C. tentou-se transmitir fielmente os ensinamentos de Confúcio, mas 700 anos mais tarde era necessário gravá-los na pedra, tantos eram os erros. Aí o texto foi fielmente copiado com técnica da "impressão" (rubbing): o papel umedecido era prensado com força sobre a superfície gravada, e uma vez seco o papel, espalhava-se a tinta. As letras apareciam então brancas sobre o fundo preto, como se tivessem sido copiadas sobre papel transparente. Esta foi a origem da impressão de livros, uma técnica desenvolvida na China apenas para autenticar um original. Mas mesmo assim, 1600 anos depois de Confúcio os textos precisavam de uma profunda revisão, pois tantos eram os erros que o verdadeiro sentido do pensamento do Mestre se perdera (5).

Problemas semelhantes apareceram nos textos da civilização romana: Cícero se queixa das muitas incorreções (23). Em Alexandria, sinais especiais eram feitos nas cópias, especialmente nas obras de Homero, para evitar erros (32).

A qualidade das cópias da literatura cristã variou nas diferentes ordens religiosas, nos diferentes lugares e períodos. Os eruditos e os fundadores de ordens consideravam em maior ou menor grau o trabalho de ler e escrever como dever religioso. A maioria das ordens incluía o serviço de cópia como um dos deveres de seus membros (14). Tentou-se por vários meios evitar os erros nos "scriptoria" monásticos, como por exemplo, a imposição do silêncio absoluto, que deu origem a um curioso sistema de linguagem de sinais (12). Aos monges era proibida a correção de erros encontrados em seus modelos, assim não só permaneciam os erros, mas até se multiplicavam.

Com o aumento da demanda de manuscritos, se desenvolveu a profissão do escriba leigo que levou a resultados às vezes catastróficos: "a forma de transmissão através da cópia constante acabava deteriorando os textos de tal maneira que desaparecia o sentido original, pois os escribas eram seres humanos imperfeitos que, por ignorância ou negligência, fizeram muitos erros. Estudiosos, em períodos posteriores, tentaram com audaciosas correções reconstruir o provável texto original, que se tornara sem sentido" (26).

Os monges, que no começo gostavam deste serviço, se tornaram mais e mais preguiçosos com o aumento do bem-estar nos conventos. Um bispo escreveu: "seu zelo era maior em esvaziar copos do que em escrever livros" (4). Muitas vezes não entendiam o texto porque sua instrução era deficiente (27), imitavam as letras mecanicamente sem compreender o modelo. Os próprios revisores não sabiam escrever corretamente. Com o passar dos séculos as coisas pioraram ainda mais (33). Autores desesperados pediam que se evitasse tantos erros na cópia de seus escritos (34). A partir do século IX, foi introduzido nos conventos um novo método de cópia, uma forma de produção em massa: para conseguir um trabalho mais rápido, dava-se a cada monge sempre o mesmo caderno (35). Os estudiosos deduziram esta técnica observando que a letra não era a mesma nos diferentes cadernos de um mesmo manuscrito. Desta maneira, um copista acabava conhecendo de cor o texto de "seu" caderno e no final trabalhava com a máxima velocidade, mas, desconhecendo o conteúdo global da obra, os erros eram inevitáveis. Exatamente como 3500 anos atrás no Egito, a aparência geral, as ilustrações e o aspecto das letras eram-lhes mais importantes do que a significação do texto que estavam copiando.

Eles deixavam de lado capítulos inteiros de maneira que o conteúdo não fazia mais sentido, mas isso nem era considerado falta grave. Afinal, muitas vezes os livros encomendados pelos nobres não serviam tanto para leitura quanto para conferir uma imagem de **status** e riqueza.

Os colofons de alguns manuscritos medievais demonstram a mentalidade dos copistas profissionais. Eles não só agradeciam a Deus por ter acabado a cópia, esperando uma recompensa para seu trabalho com estas palavras: "aqui termina o livro, que Deus afaste de nós toda tristeza" ("Hie hat das puch ein end, Gott allen Truebsal von uns wend"), ou "aqui termina o livro, que Deus tenha piedade de nós e nos dê um rico gado, uma bela mulher e crianças" ("Hie hat das puch ein end, Gott uns sein gnad send, dazu Ochsen und Rinder und ein schon frawe on Kinder"). Seus arremates eram mais rudes: "Amen, falou Hinriche, deitou com uma moça" ("Amen sprach Hinrich und legte dy mayt under sich") (36). O declínio da arte dos amanuenses começou no século XIV.

Apesar de todo esforço dos religiosos e dos sábios, nenhuma civilização até agora estudada conseguiu uma transmissão escrita isenta de erros. Muitos fatores o explicam: em primeiro lugar, os que encomendavam o serviço, que achavam que a cópia de textos sagrados era uma atividade compensadora, porque grata a Deus, mas logo pediam maior rapidez, mesmo à custa da exatidão. Em segundo lugar os próprios escribas, cujos erros eram causados pela insuficiência normal dos homens, pela falta de conhecimento e pelo desejo de acabar depressa para ganhar prestígio e dinheiro.

Há na Antigüidade apenas um caso em que com o passar do tempo o número de erros foi se tornando sempre menor: é a cópia do Pentateuco judaico. Nas várias versões da Bíblia, até a sua definitiva codificação (cerca de 90 anos d.C.), algumas partes duvidosas e obscuras são idênticas, devendo ter sido pois introduzidas muito cedo. Muitos textos dos rolos do Mar Morto, por exemplo o **Rolo de Isaías**, são muito semelhantes aos textos existentes hoje (13). Certo número de rolos primitivos têm alguns erros de cópia que foram deixados, mas as palavras corretas foram indicadas na margem com as expressões hebraicas Ketib-Kere, "está escrito, deve ser lido".

O contraste com as outras civilizações nos levou a questionar: por que isto se deu?

A primeira indicação a respeito da forma de transmissão usada na antigüidade judaica e as primeiras instruções para que uma cópia fosse isenta de erros para o futuro, são encontradas no Deut. 31, 9-30. * "Esta Lei escreveu-a Moisés e a deu aos sacerdotes, filhos de Levi... (dizendo): ao fim de cada 7 anos quando Israel vier a comparecer perante ao Senhor teu Deus... lerás esta Lei... Disse o Senhor a Moisés: Eis que os teus dias são chegados para que morras... e este povo se levantará e se prostituirá indo após deuses estranhos... neste dia a minha ira se acenderá contra eles... Escreverei para vós outros este cântico e ensina-o aos filhos de Israel... Assim Moisés naquele mesmo dia escreveu este cântico e o ensinou aos filhos de Israel... deu ordem aos levitas

* A BIBLIA SAGRADA. Versão de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro, Soc. Bíblica do Brasil, 1966.

que levem a Arca da Aliança do Senhor, dizendo: tomai este livro da lei e ponde-se ao lado da Arca da Aliança para que ali esteja como testemunha contra ti". Estas palavras mostram claramente como a transmissão escrita substituiu a oral, como, em outras palavras, nasceu a tradição escrita. E ainda, como estipulando normas para sua transmissão, o legislador deixou claro que a observância da lei e a conservação do texto são igualmente importantes. Mais ainda, ele mostrou o valor da transmissão textual: o "cântico" — que, segundo a interpretação rabínica quer dizer o Pentateuco — devia ser escrito para evitar que o povo retornasse a cultos pagãos.

Dessas instruções bíblicas derivaram as assim chamadas **Normas para os escribas** que até os dias de hoje regem a cópia do Pentateuco, chamado Torá para os serviços religiosos, as **tefillin** e as **mezuzot** * a fim de preservar o texto inalterado para sempre. Essas normas determinam cada detalhe do método de trabalho, por pouco importante que seja. Definem as qualificações profissionais do escriba e lhe fornecem, fato de suma importância, uma forte motivação moral. Parece que os legisladores sabiam que cópias descuidadas tornariam incompreensíveis em poucas centenas de anos os textos originais dos egípcios, e até previram as razões das falhas dos sistemas de transmissão de outras civilizações. Logo, consideraram que a exata reprodução do texto era a única tarefa do copista e determinaram em detalhes o que não se devia fazer, para evitar erros e incorreções.

* tefillin: tiras de couro rituais com 4 cápsulas contendo pergaminhos com rezas, que são colocados no braço e na testa durante uma reza.

mezuzá: cápsula contendo um rolo de pergaminho com uma reza, fixo no batente das portas das casas

Antes de procedermos ao exame dessas normas, deve-se lembrar que existem duas interpretações sobre a origem do Pentateuco: a científica e a judaica ortodoxa. Aqui só tomaremos em consideração a segunda, pela qual foi Deus mesmo que gravou o Decálogo na pedra e que ditou o Pentateuco, palavra por palavra, a Moisés (6); isto nos ajudará a compreender a mentalidade do copista judeu. A tradição e algumas interpretações científicas atestam que Esdras, o Escriba, depois do exílio babilônico (século VI a.C) resumiu em um só rolo (como os conhecemos hoje) todas as cópias existentes do Pentateuco, que eram escritas em rolos separados. Esdras corrigiu a forma do texto, introduzindo os espaços entre as palavras e declarou que as divergências de interpretação e as desviações existentes nas diferentes cópias fossem válidas, porque — segundo a tradição ortodoxa — ele não eliminou nenhuma palavra original de Deus. Além disso, ele colocou lado a lado as diferentes interpretações, sem indicar a certa ou a errada.

As Normas dos escribas foram fixadas cerca de 800 anos d.C., em um apêndice do Talmud, o Comentário do Pentateuco terminado no século V da nossa era e que em obras posteriores recebeu codificação adicional e comentários. No século XII por exemplo, Maimonides enumerou na Mishneh Torá as condições que invalidam um manuscrito religioso e sucessivos comentários podem ser encontrados no Zohar e no Shulchan Arukn (Yoreh De'ah) *.

* Zohar: obra escrita no fim do séc. XIII, base da literatura cabalística, movimento místico judaico.

Shulchan Arukn: um código de normas e comentários, escrito no séc. XVI por Joseph Caro.



O escriba corrige um exemplar da Torah

As Normas são expostas com todos os detalhes e parecem ter como base uma profunda experiência, mas não é fácil entendê-las porque são confusas, desorganizadas, sem numeração ou divisão em capítulos e espalhadas em muitos livros; às vezes o tratamento de um mesmo problema é interrompido e continua em lugares completamente diferentes (7) e raros comentários as explicam.

Por que a cópia de ensinamentos religiosos era tão importante para os judeus a ponto de se criar um conjunto de normas tão severo? Algumas eram tão fora do comum, que eu me convenci após pesquisas no Talmud, Mishneh Torá e Shulchan Arukn que não seria suficiente estudar apenas a literatura especializada. Resolvi, então, entrevistar as pessoas para quem estas normas foram ditadas, a fim de verificar se, por que e como eram observadas nos dias de hoje. Falei com seis copistas judeus em três países diferentes. As suas respostas podem ser resumidas numa sentença: para elas a "santidade" do ensinamento é equivalente à própria identidade étnica dos judeus. Os copistas exercem sua profissão em constante comunicação espiritual com Deus. Vezes sem fim eles repetem uma reza que simboliza essa dedicação.

Há, pois, somente uma explicação para o rigor dessas regras: a santidade do texto não podia ser profanada pela fraqueza humana ou por falhas, e disso se encontram repetidas provas. A "escrita quadrada" usada no Pentateuco, assim como o material que lhe serve de suporte, o pergaminho, eram considerados sagrados. Porém hoje em dia, nenhum material, como material, pode ser considerado sagrado pela Torá.

Isto seria um fetichismo idólatra, há muito superado no judaísmo, o que evidentemente não é desaprovado pela citação de costumes da fase arcaica, pré-mono-teísta, que evidentemente houve, também, em Israel, mas em tempos muito remotos. Hoje o que importa é o texto escrito, o conjunto letra-material, que contém a mensagem bíblica que não deve ser tornada impura por contato do material com o que é considerado impuro. **O material não é considerado sagrado**, ele apenas merece o maior cuidado pelo que vai ser: um texto escrito sagrado. O texto pode ser copiado apenas por um judeu que viva na observância da Lei. O nome de Deus deve ser escrito somente em sua forma abreviada e não pode ser rasurado, porque está escrito: "apagarás o nome dos ídolos, não faça o mesmo com o Eterno, o Senhor teu Deus" (8). Mais ainda, o escriba nunca deve escrever de memória, deve copiar sempre o modelo, conscientizando-se de que está produzindo "a cópia de uma cópia que vai até o original" (15), deve pronunciar cada palavra antes de escrevê-la, sussurando-a assim "que o ouvido a ouça", ou até falando silenciosamente. Sua concentração no trabalho deve ser tal que, "mesmo cumprimentado pelo rei, não deve retribuir a saudação".

O conceito de uma "bela Torá" não se prende a seu aspecto físico, à sua escrita, mas à "santidade" com a qual foi copiada. Um escriba é capaz de reconhecer à primeira vista uma "bela Torá" especialmente pela maneira com que é traçado o nome de Deus. A tinta com que escreveu o Nome não pode ser usada para outras palavras e a pena deve ser enxugada depois de usada para tal fim. É proibido fotografar o que os copistas chamam apenas o **NOME (ha Shem)** porque, como afirmou um escriba, isso pode levar "a problemas psíquicos, Deus pune os homens", e o negativo se for acidentalmente fotografado deve ser mantido em lugar

especial, a chamada **Genizá**, e nunca deve ser jogada fora. Os próprios escribas reconhecem que algumas regras não se entendem, mas isto é irrelevante, porque as leis da Torá são divinas e devem ser conservadas para sempre.

O Pentateuco é o mais sagrado dos livros bíblicos; durante o serviço religioso o fiel deve ficar de pé em sua presença, e curvar-se à sua passagem. Na Antigüidade era ordenado aos reis de Israel ler nele dia e noite (29). Uma cópia estragada pelo tempo não pode ser jogada fora, mas sepultada no cemitério (**Genizá**) com cerimônias religiosas, como um ser humano, quando velho e sem uso, "seu conteúdo assim como a alma do homem entra no Céu" (11). Nos colofons, os copistas amiúde expressam seu desejo de alcançar a eternidade, o que era garantido porque o conteúdo de sua obra se identificava com Deus.

IV

Um dos escribas por mim entrevistado elaborou-me uma lista das normas que ele achava mais importantes. Regem o serviço do escriba e eu as reuni em dois grupos: o primeiro define os critérios objetivos como os materiais a serem usados e determina as regras estéticas; o segundo contém critérios subjetivos, por exemplo as exigências do trabalho, as qualificações da pessoa do copista e fornece sua motivação.

O primeiro grupo apresenta logo a intenção do legislador de nunca deixar margem à iniciativa humana ou ao acaso. Enumera não só o que deve ser feito, mas também o que é proibido usar.

Vamos começar com os instrumentos: a tinta deve provir de substâncias vegetais, como ferrugem, galhas de carvalho, goma arábica, salitre, vinagre e mel. Não há receitas, as proporções não são determinadas, ficando à escolha do escriba; com certeza havia receitas testadas nas famílias ou nas escolas, transmitidas através dos milênios. Hoje em dia, o escriba prepara sua tinta ou a encomenda em Israel. Trata-se de um material bem negro e viscoso, parecido com a tinta nanquim. Quando pela idade a tinta do Pentateuco se torna marrom, o rolo não pode mais ser usado para fins religiosos e deve ser completamente reescrito, isto quer dizer que cada uma das 304.805 letras do rolo deve ser rasurada com um canivete com excessão do nome divino e o texto deve ser reescrito em cima do primitivo. Há instruções sobre o uso da tinta a ser rasurada e da permanente: para o Pentateuco, os **tefillin** e as **mezuzot** deve ser usada a primeira, para que se ocorrer algum erro na cópia, este possa ser rasurado e corrigido. Mas no Pentateuco não se pode deixar erros e, depois de copiada, cada página será examinada.

As penas no passado eram de galhos de salgueiros ou de vegetais semelhantes, hoje se usa penas de galinha, de ganso, de peru, preferivelmente de animais velhos, porque são mais duras; sua haste é córnea. As hastes são ocas e fechadas na base, os próprios escribas abrem a cavidade; quando mergulhadas na tinta a absorvem como uma caneta-tinteiro. Para apontá-las, o copista as corta diagonalmente. Trata-se de um trabalho de precisão, cada ponta na medida certa para a espessura das linhas e dos pontos. O corte de três hastes leva cerca de uma hora e antes de começar a cópia, o escriba prepara um grande número

de penas de espessuras diferentes. Quis eu mesma experimentar-las e me convenci que as penas de ave fornecem uma caligrafia excelente. É proibido ao copista o uso de metal para as penas ou para traçar as linhas, proibição que encerra um sentido profundo: o metal simboliza a guerra, a que nunca deve ser ligado ao nome de Deus.

É vetado o uso de fazendas como suporte da escrita: provavelmente o legislador já conhecia o uso do algodão e da seda como faziam na Índia e na China, nesta desde o século VI a.C. (31). A escrita só pode ser executada sobre pele de animais e apenas sobre o pergaminho. O copista judeu devia preparar ele mesmo o pergaminho que ia usar. Os pergaminheiros eram chamados **soferim** (escribas), e com o passar do tempo eles devem ter aperfeiçoado seu fabrico, para facilitar seu trabalho. Hoje ainda há escribas que preparam o pergaminho. Comparado com o couro, o pergaminho apresenta as seguintes vantagens: escreve-se nele mais facilmente por que é mais duro e mais branco, não cansa tanto a vista, permite maior contraste com a tinta e é mais duradouro. Além disso o pergaminho é bem mais durável do que o couro. Este fato é conhecido há séculos, mas até o começo do século XX constituia um mistério. Assim como não existiam explicações sobre o fato de que as múmias egípcias duraram milênios e que o papel de livros antigos é mais bem conservado, enquanto aquele fabricado após a 2.^a metade do século XVIII se estraga tão depressa. É hoje conhecido que a preservação dos materiais está em relação com seu conteúdo em ácido, o chamado pH. Quanto mais elevada é a acidez de um material (seja ele um pano, papel ou pele animal), tanto mais rápida é a sua deterioração. Ao contrário,

material "neutro", ou ligeiramente alcalino, é indestrutível, quando mantido em condições favoráveis. Ainda mais, ele é protegido contra o ataque de microorganismos e de fungos, que preferem um meio ácido. A baixa acidez do pergaminho é a principal razão de sua longa vida, mais longa do que tecidos, papiro e couro. Por isso foi escolhido para preservar a palavra do Deus.

Diz a tradição que o Pentateuco foi gravado sobre pedras, "material eterno", que não podia, porém ser usado nos serviços do Templo. Precisava-se de um material duradouro, mas transportável. Desde o começo de sua história, os judeus foram forçados a vagar: Moisés os levou do Egito à terra de Canaã, Esdras os trouxe de volta da Babilônia e, após a segunda destruição do Templo até hoje, eles foram inúmeras vezes banidos e tiveram que migrar. Durante essas mudanças, eles puderam levar consigo a sua Torá, porque escrita sobre pergaminho.

As normas dos copistas proibem definitivamente juntar as páginas com cola. Pode-se perguntar porque não tomaram como modelo os egípcios que juntavam as páginas de papiro com adesivos. Os **soferim** devem costurar as páginas sempre com tendão animal. Pode parecer estranho, visto que todas as fibras têxteis naturais hoje usadas eram conhecidas já no tempo de Moisés, e foram depois adotadas nos códices. É apenas o tendão do pé, que sustentando o peso do corpo é o mais durável. A preparação dos tendões é um processo demorado, antigamente executado pelos próprios **soferim**; eles têm o aspecto de linha torcida forte.

A proibição do uso de colas tem provavelmente duas razões importantes e práticas: o tratamento com

colas danifica o pergaminho, não o papiro e o couro. Com o passar do tempo o pergaminho se torna duro e quebradiço (17) a umidade o faz ondulado e retorcido. Mais ainda, colas animais e vegetais atraem os insetos bibliófagos, que destroem seja a cola, seja o suporte da escrita. Fica muito claro nessas normas que o legislador, já há 2.000 anos atrás, conhecia o poder destrutivo dos bibliófagos e os outros danos devidos a fatores químicos, embora a química e a física não tivessem ainda nascido. Ele evitou, assim, o trabalho de restauração em documentos e livros das bibliotecas de hoje, que causa tantas despesas.

As pedras do Decálogo eram guardadas em um estojo de madeira (Deut, 10.1-3): os egípcios, os gregos e os romanos guardavam os rolos também em caixas de madeira que eram protegidas com óleo de cedro e produtos vegetais venenosos. Assim faziam também os chineses, os maias e os tibetanos. Não há indicação quanto à preservação do pergaminho na Antigüidade (18) mas os judeus não precisavam de tais substâncias para seus rolos, eles adotaram o princípio de um método chamado de "preservação passiva". Como já dissemos, o baixo pH do pergaminho o protege contra a deterioração natural, assim como a falta de cola evitava os bibliófagos. Nestas condições bastava enrolar os rolos em linho ou algodão, os melhores materiais para a proteção de pergaminho (20). No Oriente usavam caixas metálicas e no Ocidente capas de veludo e eram guardadas em armários para proteger os rolos contra a poeira, a luz, a poluição e a sujeira. A proibição de comer durante a cópia e a leitura da Torá evita manchas que atraem os insetos, enquanto as regras de usar periodicamente os rolos nas diferentes festividades religiosas, assegura seu

uso freqüente, que reconhecidamente contribui para a preservação dos livros.

Os manuscritos do Mar Morto eram enrolados em linho e mantidos em vasos de barro "para que possam continuar muitos dias" como prescreve a Bíblia (Jer, XXXII, 14). Nas pinturas murais da Sinagoga de Dura Europos do século III a.C. pode-se reconhecer um recipiente arredondado no qual era conservado um rolo da Torá coberto por um pano vermelho (21). Temos aqui duas formas ainda em uso: recipientes metálicos no Oriente e capas de veludo (preferivelmente vermelha) no Ocidente. A passagem dos vasos de barro para essas proteções foi possivelmente conseqüência das várias expulsões da Palestina, porque o barro é frágil.

Resumindo: dessas normas pode-se deduzir claramente a tendência a escolher materiais excepcionalmente resistentes e fórmulas para assegurar a maior duração possível dos textos sagrados.

V

O segundo grupo de normas que trata de fatores objetivos, não somente cuida de estética, do arranjo gráfico e dos detalhes das letras, mas determina também a maneira de escrever para facilitar a compreensão do texto.

O arranjo gráfico garante a uniformidade do escrito como um todo, por exemplo, o traçado das linhas, a proibição de dividir as palavras no final das linhas e a exigência de que todas elas tenham o mesmo comprimento. Isto pareceria impossível, porque os espaços entre as letras e as palavras têm que ser os mesmos e em algumas linhas aparecem palavras mais curtas

e como conseqüência maior número de espaços. Os copistas encontraram uma solução engenhosa: eles escrevem algumas letras mais largas e outras mais estreitas do que o normal, prática que foi adotada também na impressão de livros e em textos profanos, onde não se aplicam as normas dos copistas. Os espaços entre linhas, palavras e letras são também determinados: uma letra não deve tocar a outra, por isso é vetado o uso do **itálico** e deve ser empregada apenas a **escrita quadrada** em que as letras nunca se juntam. São prescritas também margens amplas e limpas, o escriba usa para isso uma máscara fixada com alfinetes sobre os pergaminhos. É estipulado também o número máximo e mínimo de colunas e sua exata proporção com o mesmo número de linhas. Incidentalmente, é muito estranho que essas regras tenham sido observadas nos primeiros impressos alemães que alcançaram tanto êxito e que são atribuídos a Gutenberg (16).

Outro grupo de normas que torna mais fácil a compreensão do texto é aquele que determina o começo dos parágrafos no início, no meio ou a pouca distância do começo da linha, assim como os intervalos entre os diferentes livros da Bíblia, que são padronizados. Enfim, nada é deixado ao acaso ou ao gosto do copista. Peculiaridades do hebraico que tem letras diferentes para um mesmo som, cuja pronúncia e forma da escrita pode não ser determinada pela lógica, mas que a tradição firmou, tornam mais difícil o trabalho do escriba.

Resumindo: a clareza de cada letra, palavra e frase evita erros de leitura que palavras não claras, borradas ou superpostas poderiam causar. Parágrafos, espaços e distâncias que separam o texto facilitam a compreensão do conteúdo, o que é importante tanto para o copista, quanto para o leitor.

VI

Que tipo de gente eram esses escribas judeus e como poderíamos classificá-los socialmente? O sentido do vocábulo **sofer**, hoje traduzido como **escriba**, sofreu uma mudança. Originalmente significava não apenas um especialista na arte da escrita, mas também um sábio que conhecia a Torá. Sabê-se que existiam escolas para copistas em Canã desde o século XV a.C. e durante os tempos bíblicos famílias preeminentes exerceram essa arte por muitas gerações. (30). Entre os judeus amiúde os escribas foram líderes espirituais ou administrativos. Moisés é considerado o primeiro escriba; Esdras, o grande mestre e legista do período persa tem o apelido de O Escriba e com ele começam os copistas do Talmud, importantíssimos na história judaica; por meio deles a Torá, antes monopólio dos sacerdotes, se tornou propriedade do povo. Possuíam o título de "escribas da Lei de Deus no Céu" e tinham importância de reis (22,28). É bem provável que eles tenham tomado parte na elaboração das normas dos escribas, qualificados como estavam por sua experiência.

Há uma lei talmúdica segundo a qual cada judeu deveria copiar o manuscrito do Pentateuco, o que foi de regra observado até a época da Idade Média (2), por isso sempre existiram copistas amadores.

Assim deu-se até a impressão, quando escribas judeus, entre outros povos, se voltaram para a "arte da impressão". É bem conhecido que nas oficinas tipográficas hebraicas os mestres impressores e seus assistentes eram eruditos (3;25), como Abraam Conat, o primeiro impressor de livros hebraicos na Itália que era, ao mesmo tempo, médico e escritor (24).

Como qualquer técnica esta arte só pode ser dominada após muitos anos de prática. Crianças judias começaram a ler e escrever com 4 anos de idade e na Polônia o aprendizado da cópia começa quando as crianças, com 13 anos, fazem seu **bar mizvâh** * e são considerados adultos. No começo o aprendiz escreve apenas **mezuzot** deixando um espaço do "Nome", que será preenchido pelo mestre, até que aquele seja considerado maduro. Se a família é pobre, a criança paga o mestre com seu trabalho, uma média de 30 **mezuzot** por semana. Depois de alguns anos lhe é permitido copiar **tefillin** e algumas partes do rolo de Torá e no final de seu aprendizado recebe um certificado assinado por um eminente rabino, que o autoriza a exercer a profissão de escriba independente.

Escolhendo esta profissão ele sabe que não será nunca um homem rico. A maioria ganha sua vida como Professor, negociante ou trabalhando para a comunidade, visto que ninguém pode viver apenas com a profissão de copista; hoje a maioria deles restaura livros antigos, porque as encomendas de cópias do Pentateuco escasseiam, podem alcançar o preço "normal" de US\$ 10.000 ou 12.000, levando em média 9 meses para a cópia e 3 meses para conferir letra por letra. Incluída nas normas está a suposição de que o escriba não faça este trabalho para ganhar dinheiro ou pela glória, que sua fé em Deus o satisfaça por completo. Como um escriba afirmou: a escolha desta profissão corresponde a um "contrato com a pobreza".

* Bar Mizvâh: cerimônia a partir da qual todo membro masculino é considerado homem no judaísmo, assumindo todos os deveres e direitos que isto implica.

VII

Tentamos mostrar que os criadores dessas normas, conhecendo a fraqueza humana, consideraram a possibilidade de qualquer erro esforçando-se por evitá-los com determinações inequívocas. Sua obra parece quase uma luta contra a insuficiência humana, e vale a pena repeti-lo, seus mandamentos são obedecidos hoje como há séculos atrás.

Os judeus conseguiram transmitir seus ensinamentos durante milênios quase sem erros não por serem mais dotados ou mais inteligentes do que outros povos, mas pela árdua e pedante exatidão do trabalho de cópia e pelo controle exercido por seus rabinos, "os guardiões da Lei", motivados pela convicção de que a Torá é a mensagem direta do único Deus. Os escribas, eles mesmos uns sábios, observaram as leis o mais rigidamente possível e, com o passar dos tempos, essas se tornaram mais elaboradas e mais rígidas, em contraste com o que aconteceu com outras civilizações, até eliminar por completo os erros.

É possível que em períodos de declínio, no curso de sua longa história, se não fosse o trabalho dos escribas, sua convicção e sua motivação, os textos religiosos dos hebreus sofressem o mesmo destino dos egípcios e dos cristãos. Graças a seu esforço, os orientalistas têm hoje documentos linguísticos que retiveram sua forma original durante 2.000 anos. O valor das normas dos escribas judeus é confirmado pelo Prof. John Marco Allegro, um renomado orientalista protestante, especialista em dialetos hebraicos que pertenceu à equipe de estudiosos que trabalhou com os manuscritos do Mar Morto, quando afirma: "É devido ao fato de os escribas judeus copiarem seus manuscritos sa-

grados com um cuidado tão extraordinário, que o texto original da Bíblia... foi preservado para nós até os dias de hoje com notavelmente poucas alterações ou desvios". (1).

Analysis of the standards for scribes who copy the Pentateuch to preserve its sacred text, stipulating each detail in the method of working and defining the scribe's professional requirements to avoid errors, because the holiness of the teaching is equivalent to the Jewish ethnic identity. There are two groups of standards: the first group defines objective criteria like the materials which should be used and the aesthetic rules, the second group prescribes subjective criteria like scribe's professional requirements and work requirements.

BIBLIOGRAFIA

1. ALEGRO, Jonh M. **Die Botschaft vom Toten Meer. Das Geheimnis der Schriftrollen**. Frankfurt/Main, Hamburg, Fischer Buecherei, 1957. p. 39
2. BEIT-ARIE, M. Malachi. Les premières Résultats codicologiques de l'Enquete sur les transcripts Hebreu Médiévaux. In: - *La Paleographie Hebraique Médiévale*. Paris, Centre National de la Recherche Scientifique, 1972. p. 46
3. BOGENG, G. A. E. **Geschichte der Buchdrucker Kunst. Der Frühdruck**. Hellerau bei Dresden, Demeter Verlag, 1930. Bd. 1. p. 474
4. BURY, Richard de. **Philobiblion**. Paris, Aug. Aubry, 1804. cap. V
5. CARTER, T. F. **The Invention of Printing in China and its Spread Westward** 2. ed. New York The Ronald Press Company, 1955. p. 20
6. COHEN, A. **The Minor Tractates of the Talmud**. 2. ed. Borough Green Kent, Soncino Press, 1971, v. 2 p. 533
7. ————— **The Minor Tractates:** p. V
8. ————— **The Minor Tractates:** p. 644
9. DEUEL, Leo. **Testamen of Time**. London, Secker & Warburg, 1966. p. 211
10. ————— **Testament of Time:** p. 205
11. ————— **Testament of Time:** p. 351
12. DIRINGER, David. **The Handproduced Book** London, Hutchinson's and technical publications, 1953. p. 207
13. ————— **The Handproduced Book**. p. 180
14. GOLDSCHMIDT, Ernst Philip. **Gothic and Renaissance Book-bindings**, 2. ed. Niewkopp, Amsterdam, B. de Graaf, N. Israel; 1933, 2 v. p. 8
15. HIRSCH, Samson Raphael. **Versuche ueber Israels Pflichten in der Zerstreuung**. Frankfurt/Main, J. Kaufmann, 1909. p. 281
16. KATZENSTEIN, Ursula Ephraim. Mair Jaffe and the Invention of Pristing with moveable Type. **Studies in Bibliography and Booklore**. /no prelo/
17. KLEE, Eleonore. Pergamentfaelze in Ledereinbaenden. **Allgemeiner Anzeiger fuer Buchbindereien**, 88. Jahrg. 10: 449, 1975

18. KOELLER, Gustavo Kramer. **Tratado de la Prevision del Papel y de la Conservacion de Bibliotecas y Archivos** 2 ed. Madrid, 1973. 2 vol. p. 575
19. LA FAY, Howard. Splendor of an Unknown Empire. **National Geographic Magazine**, 154 (6): 730, 1978
20. LOPEZ, Mathilde Serrano. **La Encadernacion Espanhola**, Madrid, Asociacion Nacional de Bibliotecarios Archiveros y Archeologos, 1972. p. 57
21. LANDSBERGER, Franz. "Old Times Torah Curtains", **HUCA**, 1946 p. 353: p. 356
22. MANTEL, Hugo (Hain Dov). The Dichotomy of Judaism during the Second Temple, **HUCA XLII**, 1971, p. 55. p. 70
23. NEP, Victor. **Historia Grafica del Libro y de la Imprenta**. Buenos Aires, Edit. V. Lern, 1977. p. 29
24. NISSIM, Daniel. **Nel Quinto Centenario delle prime stampe ebraiche (1475 - 1975)** Societa Cooperativa Tipografica, 1976. p. 47
25. POLLAK, Michael. Printing in Venice before Gutenberg. **The Library Quaterly**, 45 (3): 287, 295, July, 1975.
26. RUPPEL, Aloys. **Johannes Gutenberg, sein Leben und sein Werk**, 3. Aufl. Niewkopp, B. de Graad, 1967. p. 82
27. SCHREIBER, W. L. Vorstufen der Typographie. **Festschr. z. 500 Jaehr, Geb. v. J. Gutenberg**. Mainz, D. Hartwig, 1900, p. 25, 26.
28. SCHUBERT, Ursula. Spaetantikes Judentum und Fruehchristliche Kunst. **Studia Judaica Austriaca**. Bd. 3, Herold, Wien-Muenchen, 1974. p. 56
29. **SIFRE DEUT.** 161; Sanh. II, 4; Deut. XVII, 19.
30. SIEGEL, Jonathan p. The Employment of Paleo-Hebrew Characters for the Divine Name at Qumram in the Light of Tannaitic Sources **HUCA XLII**, 1971, p. 159, p. 167
31. TSUN-HSUN, Ch'ien. **Written Bamboo and Silk**. University of Chicago Press, Studies in Library Science, 1962, p. 181
32. WATTENBACH, W. **Das Schriftwesen des Mittelalters** 3. Aufl. Leipzig, Hirzel, 1896. p. 318
33. ————— **Das Schriftwesen des Mittelalters** p. 322
34. ————— **Das Schriftwesen des Mittelalters** p. 318
35. ————— **Das Schriftwesen des Mittelalters** p. 438
36. ————— **Das Schriftwesen des Mittelalters** p. 498